



PKS

PUBLIC
KNOWLEDGE
PROJECT

REVISTA DE
GEOGRAFIA

Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPE

OJS

OPEN
JOURNAL
SYSTEMS

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia>

RELAÇÕES ENTRE OS CIRCUITOS SUPERIOR E INFERIOR NO COMÉRCIO CONFECIONISTA EM FORTALEZA-CE

Alexsandra Maria Vieira Muniz¹ - ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9607-9160>

Emanuelton Antony Noberto de Queiroz² - ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8846-590X>

Beatriz Santos de Sousa³ - ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8529-7218>

José Borzacchiello da Silva⁴ - ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5546-2737>

¹ Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, CE, Brasil*

² Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, CE, Brasil**

³ Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, CE, Brasil***

⁴ Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, CE, Brasil****

Artigo recebido em 20/06/2021 e aceito em 17/01/2022

RESUMO

Impulsionada pela produção e beneficiamento do algodão no final do século XIX, Fortaleza passou a ter lugar de destaque na economia cearense. Atualmente, possui o comércio de confecções como um dos principais segmentos econômicos. O presente artigo busca analisar o mercado informal através do uso e ocupação de espaços públicos, de forma privada, pelo comércio de confecção e o papel do Estado, bem como as relações entre o circuito superior e inferior da economia urbana a partir do comércio formal e informal de confecções, evidenciando as consequências, no espaço central da cidade, do comércio informal confeccionista. Para tanto, foi realizada pesquisa bibliográfica e de campo. Dentre outras coisas, este estudo evidenciou a problemática atinente ao comércio informal confeccionista e o rebatimento no território cearense e de Fortaleza, em particular, retratando a interação do Setor Inferior com o Superior da economia representado pelo comércio de confecção na feira da José Avelino e a formalização de parte dos feirantes no Centro Fashion. Concluímos que o comércio informal e formal confeccionista traz impactos econômicos e socioespaciais se difundindo para além do espaço intraurbano de Fortaleza, impulsionando a criação de novos fluxos e a dinâmica urbana pelos fluxos gerados.

Palavras-chave: Feira. Mercado Informal. Comércio de Confecção.

* Professora Adjunta do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC) e Pesquisadora do observatório das Metrôpoles - Núcleo Fortaleza, E-mail: geoalexandraufc@gmail.com.

** Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC) e Professor da Rede Básica de Ensino Municipal de Fortaleza. E-mail: emanuelton@alu.ufc.br

*** Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: beatrizsantosb90@gmail.com

**** Professor titular e emérito da Universidade Federal do Ceará (UFC) e professor dos Programas de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC) e da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). E-mail: borzajose@gmail.com

RELATIONSHIPS

transcorre fundamentalmente motivada pela precarização, por meio de contratos de jornadas de trabalho reduzidas, informalização e como micro empreendedor individual (MEI) ou na condição de personalidade jurídica (PJ). (POCHMAN, 2017, p. 876).

Este estudo tem como objetivo analisar BETWEEN UPPER AND LOWER CIRCUITS IN THE CLOTHING TRADE IN FORTALEZA-CE

ABSTRACT

Driven by cotton production and processing at the end of the 19th century, Fortaleza started to have a prominent place in the economy of Ceará. Currently, it has the clothing trade as one of the main economic segments. This article seeks to analyze the informal market through the use and occupation of public spaces, privately, by the clothing trade and the role of the State, as well as the relations between the upper and lower circuits of the urban economy through formal and informal commerce. Informal clothing industry, showing the consequences, in the central space of the city, of informal clothing trade. For this, bibliographic and field research was carried out. Among other things, this study showed the problems related to informal clothing trade and the impact on the territory of Ceará and Fortaleza, in particular, portraying the interaction of the Lower Sector with the Superior of the economy represented by the clothing trade at José Avelino's fair and the formalization of part of the market vendors at Centro Fashion. We conclude that the informal and formal clothing trade brings economic and socio-spatial impacts spreading beyond the intra-urban space of Fortaleza, driving the creation of new flows and the urban dynamics through the generated flows.

Keywords: Market. Informal Market. Clothing Trade.

RELACIONES ENTRE LOS CIRCUITOS SUPERIOR E INFERIOR EN EL COMERCIO DE CONFECCIONES EN FORTALEZA-CE

RESUMEN

Impulsada por la producción y procesamiento de algodón a finales del siglo XIX, Fortaleza comenzó a tener un lugar de reconocimiento en la economía cearense. Actualmente, cuenta con el comercio de confecciones como uno de sus principales segmentos económicos. El presente artículo busca analizar el mercado informal a través del uso y ocupación de espacios públicos, de forma privada, por el comercio de confección y el papel del Estado, así como las relaciones entre los circuitos superior e inferior de la economía urbana a partir del comercio formal e informal de confecciones, con el fin de evidenciar las consecuencias, en el espacio central de la ciudad, del comercio informal confeccionista. Para ello, fue realizada investigación bibliográfica e investigación de campo. Entre otras cosas, este estudio evidenció la problemática concerniente al comercio informal de confecciones y el impacto en el territorio cearense y de Fortaleza, al retratar particularmente la interacción del Sector Inferior con el Superior de la economía representado por el comercio de confección en la feria de José Avelino y la formalización de parte de los comerciantes en el Centro Fashion. Concluimos que el comercio informal y formal confeccionista trae impactos económicos y socioespaciales que se difunden más allá del espacio intraurbano de Fortaleza, impulsando así la creación de nuevos flujos y la dinámica urbana a través de los flujos generados.

Palabras clave: Feria. Mercado Informal. Comercio de Confección.

INTRODUÇÃO

No contexto econômico atual, o processo de reestruturação produtiva, tecnológica e organizacional tem se estruturado com grande representatividade das atividades terciárias.

O setor terciário da economia expresso, pelo comércio, serviços de saúde, de educação, de transporte, financeiros, de comunicação e de informação, são atividades imprescindíveis para a concretização das interações espaciais.

Conforme Kon (2004), a capacidade de aumentar os investimentos tecnológicos, a qualificação da força de trabalho e o nível de desenvolvimento econômico impactam no crescimento do setor de serviços.

O comércio, assim como os serviços, como partes do setor terciário, ocupa um papel imprescindível no espaço urbano atual, concentrando grande parte do número dos estabelecimentos e de pessoal ocupado.

A flexibilização do mercado de trabalho, apresentada como “solução” pelos ideólogos neoliberais para eliminar o desemprego, têm como consequência o avanço do trabalho informal, a “livre contratação” entre capital e trabalho com a flexibilização do que foi consolidado com o advento da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

Ademais, com as mudanças provocadas pela desregulação da legislação trabalhista, a ampliação do nível de ocupação o uso e ocupação de espaços públicos de forma privada pelo comércio de confecção e o papel do Estado, bem como as relações entre o circuito superior e inferior a partir do comércio formal e informal de confecções, evidenciando as consequências no espaço urbano da cidade de Fortaleza. Para tanto, foi realizada pesquisa bibliográfica e de campo, com registros fotográficos e de análises feitas na caderneta de campo. Trata-se de uma pesquisa qualiquantitativa de viés exploratório.

Por questões metodológicas, este artigo foi dividido, para além desta introdução, em mais dois tópicos, quais sejam: Mercado Informal e as Relações entre os Circuitos da Economia Urbana, Mercado Informal/Formal e a ação dos agentes produtores do espaço urbano, e, na sequência a Conclusão. Este estudo tem como objetivo analisar o uso e ocupação de espaços públicos de forma privada pelo comércio de confecção e o papel do Estado, bem como as relações entre o circuito superior e inferior a partir do comércio formal e informal de confecções, evidenciando as consequências no espaço urbano da cidade de Fortaleza.

Mercado Informal e as Relações entre os Circuitos da Economia Urbana

No processo desigual da produção e ocupação do espaço do mundo capitalista, em especial nos países industrializados em desenvolvimento, os quais nem todos têm acesso ao consumo de produtos de alto valor e nem toda população economicamente ativa está em postos de empregos formais, muitos encontram no mercado informal uma forma alternativa de consumo e trabalho.

O setor informal da economia é composto, dentre outros elementos, por comerciantes, e é impulsionado pela desigualdade socioeconômica presente nas economias urbanas, logo, a ciência geográfica¹ passa a analisar as cidades através de dois subsistemas da economia urbana: o circuito superior ou “moderno” e o circuito inferior ou marginal (SANTOS, 1979).

O circuito inferior é dinâmico e presente nos grandes centros urbanos do Brasil, como também em países que apresentam urbanização e industrialização tardia e desigual, o qual alcança diferentes formas de prestações de serviços e trabalho, gerando, assim, um sistema que se diversifica e se adequa cada vez mais ao processo capitalista atual que, de acordo Santos (1979, p. 201), se compara a definição de circuito inferior à fórmula de Lavoisier: “Nada se perde, nada se cria, tudo se transforma”.

Salientamos, ainda, que os circuitos superior e inferior se complementam. Já dizia Santos (1979) que os circuitos da economia urbana não constituem sistemas fechados, mas subsistemas interdependentes entre os quais se estabelecem relações de complementaridade e competição.

Por meio da teoria dos dois circuitos da economia urbana, as possibilidades de satisfação das necessidades, baseada numa sociedade típica dos países subdesenvolvidos, acabam criando diferenças quantitativas e qualitativas no consumo. Percebe-se, assim, a causa e o efeito da existência de diferentes circuitos de produção, de distribuição e consumo nas cidades desses países.

A circulação de mercadorias por meio de comércio, transportes, de atividades financeiras (no caso de mercadoria-dinheiro), ou de informações e comunicações, têm a função de permitir a complementação do ciclo produção - distribuição - consumo da economia, que efetiva o processo dinâmico das trocas do novo processo produtivo (KON, 2004, p. 86).

Deste modo, para Montenegro (2012), as atividades urbanas e a população a elas associadas são distinguidas em função dos diversos graus de tecnologia, capital e organização

¹ Na década de 1970, Milton Santos sistematiza e apresenta a teoria dos circuitos da economia na qual empenhou-se em entender quais as consequências espaciais do processo de modernização tecnológica aplicado às cidades dos países de terceiro mundo. Afirma-se a partir de dois circuitos da economia urbana: de um lado, um circuito superior composto por atividades tecnologicamente modernas; e, de outro lado, um circuito inferior composto pelas atividades que adotam soluções tecnológicas não modernas, recentes ou passadas (SANTOS, 1979).

que utilizam. Quando estes são altos, trata-se do circuito superior, incluindo sua porção marginal; quando são baixos, trata-se do circuito inferior. Montenegro (2012, p. 9), descreve:

O circuito superior - composto pelos bancos, comércio e indústria de exportação, indústria moderna, serviços modernos, atacadistas e transportadores - é o resultado direto das modernizações que atingem o território. O circuito inferior, por sua vez, compreende o resultado indireto da modernização e constitui-se de formas de fabricação não-capital intensivo, serviços não modernos fornecidos a varejo, comércio não moderno e de pequena dimensão, voltados sobretudo ao consumo dos mais pobres.

Ambos os circuitos econômicos, definidos por Santos (1979), são derivados do processo de modernização tecnológica e estão inter-relacionados, uma vez que compartilham a gênese, os agentes, os insumos.

Segundo Santos (1979), os circuitos instituem entre si relações de complementaridade. Adverte, contudo, que as complementaridades não eliminam a concorrência e as hierarquias, sobretudo do circuito inferior que, em realidade, é dependente do circuito superior.

É nítido como o circuito superior é alimentado pelo circuito inferior e vice-versa. A classe média tem conseguido interagir cada vez mais no circuito superior, tanto através do consumo quanto da venda da sua força de trabalho para os setores que o compõe.

O circuito inferior é responsável pela maior parte da ocupação e oportunidades de trabalho para a população, sobretudo, para os imigrantes e parte da população que possui baixa qualificação. Enquanto o circuito superior se relaciona com a região ou o país (relação exógena), o circuito inferior relaciona-se com sua localidade (relação endógena).

Santos (1979, p. 201), ao tentar conceituar o circuito inferior, afirma o seguinte:

[...] Na realidade, trata-se mais de um conceito que de uma denominação; o circuito inferior é o resultado de uma situação dinâmica e engloba atividades de transformação como o artesanato e as formas pré-modernas de fabricação, caracterizadas por traços comuns que vão além de suas definições específicas e que tem têm uma filiação comum.

Como parte predominante do circuito da economia urbana, o comércio pode ser classificado, segundo sua organização, em formal e informal. É dito formal quando a atividade comercial se realiza por via de empresa juridicamente constituída para tal fim, com registro, razão social e endereço definido, mesmo virtualmente, o que tem crescido bastante; caso contrário, se diz informal. O melhor exemplo de comércio informal é aquele que é realizado por camelôs ou comércio ambulante.

Tal setor da economia, ligado ao comércio ambulante de feirantes, não é algo recente, pois na Idade Média, na Europa, conforme alerta Dantas (2012), se tem registros históricos de

feiras medievais que impulsionaram a formação das cidades e que contribuíram para o surgimento da burguesia em sua fase inicial. Essas feiras foram se desenvolvendo, ao longo do período renascentista, principalmente a partir dos “vazios nas redes vulgares de abastecimento” na Europa (DANTAS, 2012, p. 17), com o surgimento e expansão da indústria pelos continentes, trazendo, assim, crescimento migratório e o aprofundamento da desigualdade social. Neste percurso, ocorrem territorializações do espaço de forma desigual e também o crescimento cada vez maior da informalidade e a presença de feirantes nos diversos centros urbanos das cidades, em especial nos países emergentes.

A elevação da informalidade nas atividades terciárias brasileiras gera efeitos significativos sobre a economia e a sociedade. Um impacto relevante é sobre a diminuição do poder de trabalho organizado, em esferas como a barganha econômica, a organização sindical e a influência política (KON, 2004, p. 172).

Isto faz com que o circuito inferior, cada vez mais, cresça e se desenvolva com prestações de serviços mais acessíveis e gerações de empregos informais.

Cerca de 61% das pessoas que compõem a força de trabalho no mundo atuam de maneira informal. É o que aponta um relatório divulgado nesta quarta-feira (13) pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), com dados de 2018. Segundo a pesquisa, o número de pessoas trabalhando na economia informal é de cerca de 2 bilhões de pessoas. O levantamento mostra ainda que, entre as pessoas que estão trabalhando, mais da metade (52%) são assalariadas, enquanto 34% atuam por conta própria. Outros 11% ajudam em trabalhos familiares, e apenas 3% estão na categoria “empregadores”. Nessa divisão por categorias, as pessoas que atuam por conta própria se destacam no mercado da informalidade. Entre elas, **85% estão no mercado de trabalho considerado “informal”**. Já entre os assalariados, são cerca de 40%².

A reportagem, cujo trecho é supramencionado, reitera, no caso específico do Brasil, sobre o fenômeno da informalidade:

[...] em 2018, a soma de pessoas trabalhando por conta própria ou no mercado informal seguiu acima da quantidade de empregados com carteira assinada, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE). Ao final do ano passado, o Brasil tinha 33 milhões de pessoas trabalhando com carteira assinada (sem considerar empregados domésticos). Outras 11,5 milhões estavam atuando sem carteira, e outras 23,8 milhões, por conta própria³.

² TREVIZAN, K. Mais de 60% dos trabalhadores estão no mercado informal, diz OIT. **G1**, 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/concursos-eemprego/noticia/2019/02/13/mais-de-60-dos-trabalhadores-estao-no-mercado-informaldiz-oit.gh.html>>. Acesso em: 2 dez. 2019.

³ TREVIZAN, K. Mais de 60% dos trabalhadores estão no mercado informal, diz OIT. **G1**, 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/concursos-eemprego/noticia/2019/02/13/mais-de-60-dos-trabalhadores-estao-no-mercado-informaldiz-oit.gh.html>>. Acesso em: 2 dez. 2019.

Já sobre o caso da informalidade no Ceará:

Seis em cada dez trabalhadores cearenses estão na informalidade atualmente. A maior parte deles está na Região Metropolitana de Fortaleza (RMF). ‘É um percentual muito elevado, mais da metade da força de trabalho. De maneira geral tem sido um período de expansão’, reforça Erle Mesquita, coordenador de Estudos e Análise de Mercado do Instituto de Desenvolvimento do Trabalho (IDT). De acordo com ele, apenas 14% dos autônomos têm algum tipo de seguridade social. ‘A situação é ainda pior no Interior do Estado, isso é mais expressivo’, afirma Mesquita. O coordenador do IDT também informa que a composição dos trabalhadores informais é formada por assalariados sem carteira assinada, cerca de 23,5% dos ocupados, totalizando 802 mil pessoas. Os dados fazem parte da PNAD Contínua do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de dezembro de 2016. Já os trabalhadores por conta própria, segundo Mesquita, são 25,1% de toda a força de trabalho e representam cerca de 857 mil pessoas no Ceará. ‘São os vendedores da orla de Fortaleza, pedreiros, serventes, entre outros’. Os dados também constataam que os empregados domésticos sem carteira assinada são mais de 550 mil no Estado, ou 16,2% da força de trabalho, de acordo com Erle Mesquita. Conforme ele, a maioria desses trabalhadores são homens, acima de 40 anos. ‘Nessa faixa de idade fica mais difícil a contratação formal. Mais da metade são homens. O emprego tradicional fica para os mais jovens’, confirma o coordenador⁴.

Dessa forma, ocorre em Fortaleza um processo desigual de trabalho e consumo, ocasionando a procura e o consumo de produtos ligados a ambulantes e feirantes, principalmente da população de menor renda e também muitas famílias que não foram incluídas em postos de trabalhos formais acabam encontrando, no circuito inferior da economia, uma forma de sobrevivência e fonte de renda. “O circuito inferior constitui também uma estrutura de abrigo para os cidadãos, antigos ou novos, desprovidos de capital e de qualificação profissional. Esses encontram bem rápido uma ocupação, mesmo que seja insignificante ou aleatória” (SANTOS, 1979, p. 202).

Ainda sobre a formação do circuito inferior, de acordo com Santos (1979, p. 197):

As condições de evolução da economia moderna e o enorme peso de uma população urbana com baixo nível de vida, que não para de aumentar com a chegada maciça de migrantes vindos do campo, acarretam a existência, ao lado do circuito moderno, de um circuito econômico não moderno, que compreende a pequena produção manufatureira, frequentemente artesanal, o pequeno comércio de uma multiplicidade de serviços de toda espécie. As unidades de produção e de comércio, de dimensões reduzidas, trabalham com pequenas quantidades.

Através dos circuitos, também é possível compreender a dinâmica presente nas cidades, além de suas ligações externas, compreendendo-as em seu contexto local, regional, nacional e internacional.

⁴ NASCIMENTO, H. R. do. 6 em cada 10 trabalhadores do Ceará estão na informalidade. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 2017. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/negocios/6-em-cada-10-trabalhadores-do-ceara-estao-na-informalidade-1.1744137>>. Acesso em: 2 dez. 2019.

A participação dos trabalhadores informais na população ocupada de Fortaleza cresceu 26,66% em 22 anos. Em 1984, eles eram 44% dos moradores da Capital com alguma ocupação. Em 2006, chegaram a 55,73%. Isso significa que de 905.271 das pessoas que estão trabalhando em Fortaleza, 504.508 estão excluídas do setor formal. Em apenas 66 (57,89%) dos 114 bairros da Capital há registro de empregos com carteira assinada ⁵.

Sobre a expansão do comércio informal na cidade de Fortaleza:

A cara da cidade é o comércio, mas a empregabilidade é o serviço, avalia o assessor técnico da SDE, Inácio Bessa. Isso porque a maior quantidade de empregos na Capital (38,08%) - 189.126 do total de 496.545 - é gerada pelos serviços, mas o maior número de estabelecimentos (41,96%) é de comércio, que chegam a 14.191 dos 33.818 existentes. Quando a análise é restrita ao Centro, a concentração nesses setores é ainda maior. Dos 6.112 estabelecimentos do bairro, 3.217 (52,63%) são comerciais e 2.253 (89,49%), de serviços. No Centro, estão 18,07% das 33.818 empresas formais da Capital cearense. A Regional II (onde ficam Centro, Aldeota e Meireles) tem 16.334 unidades e 192.343 empregos. Isso representa 48,30% dos estabelecimentos e 38,74% do total de empregos. A Regional IV (que engloba Montese, Parangaba, entre outros) é a segunda com maior quantidade de empresas formais (79.568) e de empregos gerados (79.658). Ela detém 16,04% dos empregos e 13,84% do número de empresas. Apenas nas regionais I (35,24%) e V (31,53%) a indústria se sobressai no número de ocupações⁶.

Como o formal e informal se imbricam, temos também a representatividade no mercado formal. Reforçando o papel da cidade de Fortaleza como polo regional têxtil e de confecções, segundo dados da pesquisa Polos de Moda do Brasil realizada pelo SEBRAE, o mercado da moda movimentada, em Fortaleza, 67,5 mil empregos formais, com cerca de 5 mil empresas do setor de têxteis e confeccionados.

O intenso comércio confeccionista, como parte do setor de serviços, se faz presente, seja no Novo Beco da Poeira, na Feira da Sé e no Centro Fashion, como também nos subcentros de Fortaleza. Segundo Dantas (2009), Fortaleza é considerada uma cidade policêntrica e sua forma desigual de produção do espaço capitalista na cidade ocorre na área central, como também em outros bairros, o que possibilita a população de menor poder aquisitivo a consumir produtos a preços de menor custo (DANTAS, 2012).

Acerca do processo policêntrico de Fortaleza, Dantas (2009, p. 215-216), traz a seguinte contribuição:

⁵ Informalidade cresce 26, 66% em Fortaleza. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 2007. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/negocios/informalidade-cresce-26-66-em-fortaleza-1.405904>>. Acesso em: 2 dez. 2019.

⁶ Informalidade cresce 26, 66% em Fortaleza. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 2007. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/negocios/informalidade-cresce-26-66-em-fortaleza-1.405904>>. Acesso em: 2 dez. 2019.

No caso de Fortaleza, tal processo terá início após os anos 1970, com a consolidação de uma infraestrutura de comércio e serviços nos bairros chamados nobres, principalmente através da construção de centros de compra acessíveis aos possuidores de carro (os shoppings são a expressão maior desse centro).

O Centro da cidade de Fortaleza, que outrora foi palco da elite fortalezense quando o Centro era a cidade (DANTAS, 2009), atualmente se configura como Centro da periferia (SILVA, 1992), obtém, em seus espaços, marcas do passado, em convívio com o presente, com praças, igrejas e prédios históricos, em conjunto com um massivo bairro prestador de serviços, com um intenso comércio formal e informal, como também a prestação de serviços no setor público onde, além do comércio, se encontra no espaço urbano ocupado pelo setor terciário, escolas, bancos, cursos públicos e privados, restaurantes, mercantis, farmácias, clínicas populares e ainda se encontram residências e quitinetes no bairro e nas porções mais próximas das áreas de divisa do Centro com outros bairros.

A produção espacial realiza-se no cotidiano das pessoas e aparece como forma de ocupação e/ou utilização de determinado lugar num momento específico. Do ponto de vista do produtor de mercadorias, a cidade materializa-se enquanto condição geral da produção (distribuição, circulação e troca) e nesse sentido é o locus da produção (onde está é realizada). Assim entendida, a cidade é também o mercado (de matérias-primas, mercadorias e de força de trabalho); as atividades de apoio à produção (escritórios, agências bancárias, depósitos etc.). Todavia, como o processo é concentrado, a cidade deverá expressar essa concentração (CARLOS, 2018, p. 46).

A própria transformação do Centro em “Centro da Periferia” (DANTAS, 2009), haja vista a transformação do Centro em bairro comercial e de consumo, contribui para o aumento de circulação de pessoas nesta área da cidade. Isso movimenta o comércio formal e informal, atraindo consumidores locais e os chamados sacoleiros, que vem de outras localidades comprarem em Fortaleza para revender em seu lugar de origem, o que movimenta a economia local, não só com ambulantes, mas também no comércio como um todo, do Centro de Fortaleza.

Dessa forma, a divisão do espaço entre ambos os circuitos não necessariamente irá gerar uma forte divisão entre ambos, apesar de não haver harmonia entre ambos pelo fato da ocupação do espaço e a problemática da circulação do transporte urbano terem sido problemáticos. No entanto, existe uma intrínseca relação entre ambos os circuitos, que não necessariamente é ligado a sua forma de definir seu surgimento a partir da não absorção pela indústria e dos que não foram inseridos em empregos formais, pois o circuito superior, além de concorrer, também será fornecedor e consumidor de produtos para aqueles que estão inseridos no circuito inferior (DANTAS, 2012).

A expansão do circuito inferior é bem representativa em Fortaleza, a exemplo do comércio nas proximidades do Centro, com o Centro Fashion e no Centro da cidade, com o Novo Beco da Poeira, o Esqueleto da Moda, a feira da José Avelino, os feirantes no entorno da Igreja da Sé e na Praça José de Alencar; na Praça da Lagoinha, na Praça Coração de Jesus e em diferentes pontos espalhados pelas ruas de Fortaleza, os quais dividem o espaço com o circuito superior (DANTAS, 2012; SILVA, 2013; SANTOS, 2014, MUNIZ, 2014).

Nos deteremos, a seguir, no comércio confeccionista de Fortaleza, especificamente o que ocorre na feira da rua José Avelino, originado a partir da informalidade que impulsionou a construção de fixos espaciais, como o Centro Fashion, diante da força do poder coercitivo do Estado e sua atuação no comércio informal com políticas de reordenamento do espaço urbano.

Mercado Informal/Formal e a ação dos agentes produtores do espaço urbano

Por meio de feiras livres, como a feira da Sé, o centro de Fortaleza é espaço do comércio informal de confecção, de onde saem mercadorias, notadamente para o Nordeste do Brasil.

A ordem judiciária de 2008, determinando a retirada dos feirantes da Sé, levou a uma série de debates e dentre as propostas apresentadas pela Prefeitura, houve a instalação dos feirantes em um terreno no bairro José Walter e depois em Maracanaú, com o projeto Feira Center, que aconteceu em maio de 2009.

Então, parte dos feirantes que ocupavam a Praça da Sé, em Fortaleza, foram transferidos para o Feira Center, em Maracanaú, com 12,01 hectares de área voltado essencialmente para comercialização de artigos de moda, objetivando a venda direta de pequenos fabricantes aos revendedores.

Todas as propostas da Prefeitura, de retirada dos ambulantes do Centro da Cidade, fracassaram, dentre outras coisas, em razão do fraco mercado consumidor em Maracanaú ante a clientela já conquistada no Centro. Assim, a maioria dos comerciantes transferidos voltou para o Centro de Fortaleza, reocupando parte da rua José Avelino ou o entorno da Igreja Catedral, na já constituída Feira da Sé. Outros instalam suas barracas nos dois locais, ficando até meia-noite em Maracanaú e se transferindo para Fortaleza, por volta de uma hora da madrugada do domingo e da quinta-feira.

Surgida no início dos anos 1990, na Praça da Sé, a Feira da José Avelino teve um grupo de bordadeiras oriundas de Itapajé como pioneiras (SANTOS *et al.*, 2017). De início, eram comercializados “[...] produtos para cama, mesa e banho, bordados à mão ou à máquina,

provenientes do interior do Ceará” (PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA, 2016. p. 5). A partir dos anos 2000, a feira foi tornando-se popular não somente no Ceará, como nos demais estados do Nordeste (FREITAS, 2017). O ambiente da feira tornou-se pequeno, acarretando o surgimento dos galpões situados, atualmente, no perímetro da Catedral Metropolitana de Fortaleza.

Visando um melhor controle da feira, a Prefeitura Municipal de Fortaleza definiu locais fixos para a comercialização no Centro de Fortaleza, sendo eles: Rua José Avelino, Travessa Icó, Feirão do Viaduto e Rua Governador Sampaio. Além disso, segundo notícia publicada em 02 de novembro 2014 pelo jornal Diário do Nordeste, foram estipulados horários para a realização da feira: quarta-feira de 19h as 7h de quinta-feira e sábado de 19h as 11h de domingo. Devido a estes horários, ficou conhecida como feira da madrugada.

Apesar de todas as regulamentações vigentes da prefeitura, a feira apresenta precariedades e riscos aos feirantes. De acordo com Freitas (2017), feirantes e costureiras da feira não possuem direitos trabalhistas fundamentais (previdência social, dentre outros). Além disso, estão expostos a constantes fenômenos naturais, como as chuvas durante o início do ano. A mão de obra trabalha de modo extensivo e também convivem com a violência exercida pela prefeitura e órgãos fiscalizadores.

Com o intuito de melhorar as vendas, os feirantes passaram a ocupar outros locais no entorno da Rua José Avelino não liberados pela prefeitura: três faixas da Avenida Alberto Nepomuceno e os espaços do entorno da Catedral Metropolitana de Fortaleza.

Em 2016, em um relatório feito pela Prefeitura de Fortaleza, foi possível traçar um perfil do feirante da José Avelino. Foram realizadas 1.109 entrevistas, do total de 4.000 feirantes, de acordo com o relatório. A Figura 1 apresenta, de maneira geral, o perfil do feirante na José Avelino. Existe um predomínio de feirantes do sexo feminino. Grande parte possui entre 25 e 35 anos e o ensino médio completo. A renda da maioria varia entre R\$ 301 e R\$ 600. 79% dos feirantes não participam de programas sociais, como o Bolsa Família, por exemplo.

Em relação à moradia, grande parte é oriunda do bairro Barra do Ceará. Entre os espaços autorizados pela prefeitura, a maior concentração de feirantes se dá na rua José Avelino. Cerca de 80% do que é comercializado são roupas e 78% dos feirantes produzem a própria mercadoria.

Figura 1 - Infográfico do perfil socioeconômico dos feirantes da José Avelino



A partir do relatório, foi possível perceber que 83% não possuem outro local de comercialização, sendo a feira o único sustento, e 80% não participa de outras feiras. Em se tratando de formalização do trabalho, quase 50% dos feirantes não é formalizado, mas deseja ser formal. O tempo médio de atuação dos feirantes é entre 2 e 6 anos com um faturamento variando de R\$ 5,00 a R\$ 1.004. Sobre a capacitação e participação em cursos, quase 60% dos feirantes não está inserido e também não possui algum interesse em participar.

Fazendo o percurso nesta feira, foi possível observar a dinâmica urbana mediante as formas espaciais ligadas ao comércio, os variados usos e ocupações do espaço, os agentes consumidores do espaço urbano em variadas temporalidades, em que formas espaciais antigas ganham novas funções, passando a abrigar *shoppings* populares (figura 2) e boxes para a venda de confecções.

Figura 2 - Casarão dos Fabricantes



Fonte: Muniz (2014)

Observamos ainda que, este comércio informal (figura 4), demanda serviços, como o de bebida/alimentação (figura 3) e de transporte, de forma bastante desordenada.

Figuras 3 e 4 - Comércio informal nas proximidades da Igreja Catedral



Fonte: Muniz (2014)



Fonte: Muniz (2014)

Observamos, na Feira da Sé, a presença de turistas com sacolas, evidenciando-se que vêm dos locais mais distantes para aproveitar o preço mais acessível das mercadorias voltadas

predominantemente para o público de menor renda, e as transportam para seus lugares de origem.

No mundo que habitamos, a distância não parece importar muito. Às vezes parece que só existe para ser anulada, como se o espaço não passasse de um convite contínuo a ser desrespeitado, refutado, negado. O espaço deixou de ser um obstáculo – basta uma fração de segundos para conquistá-lo. (BAUMAN, 1999, p. 85).

Diferentemente do comércio de vitrine, que predomina na Praça do Ferreira, por meio do trabalho formal nas lojas e *shoppings*, na Praça da Sé, é o comércio realizado por vendedores ambulantes que se destaca; o ponto de encontro, comum à Praça do Ferreira, é substituído quase que inteiramente por negociações de mercadorias na Praça da Sé, onde o cidadão é valorizado pela sua capacidade de consumo. Como diz Bauman (1999, p. 88), “A maneira como a sociedade atual molda seus membros é ditada primeiro e acima de tudo pelo dever de desempenhar o papel de consumidor. A norma que nossa sociedade coloca para seus membros é a da capacidade e vontade de desempenhar esse papel”. Como o desenvolvimento do capital é contraditório, a atividade informal na Feira da Sé influencia o desenvolvimento das atividades formais, como foi possível observar, durante o percurso que fizemos, a existência de equipamentos urbanos voltados à venda de confecção, como na Rua José Avelino, o *Shopping Fontenele Mall* (figura 5).

Figura 5 - Shopping Fontenele Mall



Fonte: Muniz (2014)

[...] os shoppings são construídos de forma a manter as pessoas em circulação, olhando ao redor, divertindo-se e entretendo-se sem parar – mas de forma alguma por muito tempo – com inúmeras atrações; não para encorajá-las a parar, a se olhar e conversar, a pensar em analisar e discutir alguma coisa além dos objetos em exposição – não são feitos para passar o tempo de maneira comercialmente desinteressada (BAUMAN, 1999, p. 33).

Muitos empresários, que possuem lojas no *Shopping Fontenele Mall*, são oriundos da Feira da Sé e também continuam vendendo suas mercadorias na Feira, o que revela a ocupação tanto no mercado formal, quanto no informal. Isto dificulta até mesmo as relações de identidade e representação social.

[...] o sentimento identitário permite que se sinta plenamente membro de um grupo, dotá-lo de uma base espacial ancorada na realidade [...] os problemas do território e a questão da identidade estão indissociavelmente ligados: a construção das representações que fazem certas porções do espaço humanizado dos territórios é inseparável da construção das identidades. Uma e outra, estas categorias são produtos da cultura, em um certo momento, num certo ambiente [...]. (CLAVAL, 1999, p. 16).

Para garantir a circulação de mercadorias e o processo de reprodução, os feirantes se apropriam do espaço da Sé e adjacências, constituindo novas territorialidades, ou seja, ocorre uma reterritorialização⁷. Estes territórios mostram-se mais definidos nas madrugadas de domingo para segunda e de quarta para quinta-feira (Figuras 6 e 7).

Figuras 6 e 7 - Comércio informal na Rua José Avelino



Fonte: Muniz (2014)



Fonte: Muniz (2014)

Aqui, podemos perceber o ritmo do tempo de circulação da mercadoria e do poder de compra do consumidor.

Para aumentar a capacidade de consumo, os consumidores não devem nunca ter descanso. Precisam ser mantidos acordados e em alerta sempre, continuamente expostos a novas tentações, num estado de excitação incessante – e, também, com efeito, em estado de perpétua suspeita e pronta satisfação (BAUMAN, 1999, p. 91).

⁷ Reterritorialização porque já preexistia um espaço, e, conseqüentemente, um território enquanto componente essencial deste, sendo a objetivação da apropriação social do espaço o próprio território que é desterritorializado [...] dando lugar à novas territorialidades ou re-territorialidades, que por sua vez, dizem respeito à criação de novos territórios (CORRÊA, 1998).

Segundo Debord (2008, p. 48), na economia capitalista, o tempo se tornou uma mercadoria que, como todas as outras, perdeu o valor de uso em provimento do valor de troca. Os trabalhadores ambulantes comercializam suas mercadorias, expondo-as em lonas, no chão ou até no porta-malas de carros usados no seu transporte (figuras 8 e 9).

Figuras 8 e 9 - Formas de comercialização de mercadorias



Fonte: Muniz (2014)



Fonte: Muniz (2014)

Reforçando o papel da cidade de Fortaleza como polo regional têxtil e de confecções, a feira atrai pessoas de várias cidades da Região Nordeste que chegam, em ônibus fretados, à Feira da Sé, em busca dos melhores preços das mercadorias expostas pelos feirantes. Dentre as mercadorias comercializadas, o destaque é para confecções para todos os gostos, tamanho, sexo e idade. Segundo Silva (2013), os principais consumidores são sacoleiros e turistas oriundos de cidades cearenses e de outros Estados, com destaque para Pará, Maranhão, Pernambuco e Piauí (figuras 10 e 11).

Figuras 10 e 11 - Demanda de serviços de transporte (PI-Parnaíba) dos consumidores da feira de confecções



Fonte: Muniz (2014)

Fonte: Muniz (2014)

Em estudo posterior, realizado por Bezerra (2018), afirma-se que o mercado metropolitano de confecção de Fortaleza tem “um raio de atuação que ultrapassa os limites da metrópole alcançando outros municípios cearenses e abarcando estados de quase todas as regiões do país”, uma vez que não foi registrada a presença de sacoleiras da região Sul do país.

Assim, considerando a intensa movimentação produzida pela atividade analisada, e segundo dados da PMF, um grande contingente de sacoleiras, proveniente principalmente das regiões Norte (Belém, Manaus), Nordeste (Teresina, São Luís, Natal, João Pessoa, Maceió, Recife, Salvador), Centro-Oeste (Brasília), Sudeste (São Paulo), se desloca para consumir a confecção produzida na metrópole cearense. Registramos também a presença de sacoleiras de cidades do interior das capitais apresentadas, como em Imperatriz no Maranhão, para exemplificar. Nesse contexto, a dinâmica desenvolvida no espaço urbano da capital se dá através de diversas ações de seus agentes, que movimentam vários setores econômicos, como, por exemplo, hotelaria e restaurantes (BEZERRA, 2018, p. 30).

Os compradores de confecção, com destino a Fortaleza, vêm também de Cabo Verde, Guiana Francesa e Suriname, o que só reflete o caráter internacional do mercado confeccionista da metrópole cearense.

[...] o mercado de confecções de Fortaleza tem uma dinâmica que não abrange apenas o consumo local, compreendendo também o regional, o nacional e o internacional, proporcionada pelo maior acesso à mobilidade por parte da população do circuito inferior da economia bem como pela ampliação das redes técnicas e de informação que efetivam a circulação e o consumo do que é produzido nesse mercado (BEZERRA, 2018, p. 171).

Cabe destacar a extensão do transporte aéreo internacional realizado pelo Aeroporto Pinto Martins, fato que, conforme *site* do governo Estadual, até o final de 2018, Fortaleza contava com quarenta e três voos semanais diretos para treze destinos. São eles: Buenos Aires (Argentina, ativo), Bogotá (Colômbia, ativo), Caiena (Guiana Francesa, ativo), Frankfurt (Alemanha, ativo), Amsterdã (Holanda, ativo), Cidade do Panamá (Panamá, início 7/2018), Lisboa (Portugal, ativo), Miami (EUA, ativo, e mais 2 até o final de 2018), Orlando (EUA, início 11 de 2018), Paris (ativo), Praia e Ilha do Sol (Cabo Verde, ativo) e Milão (Itália, ativo).

Os fluxos da produção na Capital são facilitados, ainda, pela proximidade entre os portos do Pecém, com ampliação do Terminal de Múltiplo Uso (TMUT), e o do Mucuripe, que também passou por uma série de reformas que iniciaram em 2012, para atender as demandas do Megaevento da Copa do Mundo.

As obras do novo terminal de passageiros do Porto do Mucuripe devem atender à demanda turística para a capital cearense, disponibilizando um espaço adequado para a atracção e para embarque/desembarque de passageiros de cruzeiros marítimos, além de ampliar o número de opções de hospedagem de turistas durante a Copa do Mundo de 2014. A nova estrutura contará com um cais para atracção de navios cruzeiros com 350 metros de extensão e 13 metros de profundidade. A estação de passageiros vai dispor de infraestrutura de restaurante, Correios, Polícia Federal, Anvisa, Receita Federal e lojas de conveniência. Também está incluso no projeto do terminal uma retroárea com 40.000m², que servirá de pátio para armazenagem de contêineres, e durante a baixa estação dará suporte à atividade de navios cargueiros. (ANUÁRIO DE FORTALEZA 2012/2013. *Infraestrutura*).

Com o número de vendedores ambulantes, consumidores e a demanda por serviços de transporte e alimentação, a feira vem expandindo, ocupando espaços públicos, impedindo o fluxo de transporte de veículos e pessoas nas vias de circulação, que acabam também tendo como função a exposição e comercialização de mercadorias e serviços.

É válido ressaltar que, ao retornarmos à Rua José Avelino, na manhã do dia seguinte (segunda), observamos que já não tinha mais todo o seu percurso tomado por mercadorias, em decorrência da fiscalização que impede o comércio, ao amanhecer do dia, e em razão também de as lojas, ao longo da rua, não terem como concorrer com os baixos preços ofertados pelos comerciantes que não pagam impostos e vendem em grande quantidade, muitos com empresas familiares e com fretes rateados com os demais mercadores.

Ao amanhecer, a Rua José Avelino é tomada de muita sujeira, expressando o que é deixado por quem usou este espaço durante a madrugada e ainda aproveita um pouco da manhã, antes da abertura das lojas, mas depois do objetivo atingido, seguem para outro destino, ficando o serviço de limpeza, muitas vezes, por conta dos lojistas que, logo cedo, precisam muitas vezes limpar até a rua para melhor receber o consumidor.

Figuras 12 e 13 - Comércio na Rua José Avelino na manhã de segunda



Fonte: Muniz (2014)

Fonte: Muniz (2014)

Percebemos que as relações de poder se fazem presente neste espaço, não somente na demarcação de territórios, como também no embate dos feirantes com o Poder Público na luta para permanecer com a venda de mercadorias na Praça Pedro II (Praça da Sé) e proximidades. “[...] o território pode ser concebido a partir da imbricação de múltiplas relações de poder, do poder mais material das relações econômico-políticas ao poder mais simbólico das relações de ordem mais estritamente cultural” (HAESBAERT, 2004, p. 79).

Verifica-se uma mudança de função do Centro de Fortaleza, que outrora era o local da elite cearense, e na atualidade é lugar de consumo da população de baixa renda da cidade. As casas comerciais e lanchonetes se multiplicam, e as praças, que antes funcionavam como espaço do ócio para a população burguesa, hoje são *locus* do mercado informal e do subemprego (ambulantes).

Fortaleza não escapa à realidade comum às metrópoles brasileiras. O Centro, que ao longo da história serviu como espaço lúdico, de habitação, de poder e de negociações, hoje é um verdadeiro “centro de periferia”, onde há medo, violência, drogas, mendicância, sujeira e descaso com o meio ambiente urbano, impedindo muitos de exercerem o direito à cidade.

Para conter as irregularidades e precariedades deste comércio popular, entre 2014 e 2015, a Prefeitura de Fortaleza, em parceria com o Grupo Marquise e a Construtora Preferencial, pertencente à família Philomeno, possuindo como diretor Francisco Philomeno Gomes Neto, determinou a construção de um galpão para os feirantes da José Avelino, o que seria posteriormente conhecido como Centro Fashion Fortaleza.

Com o investimento inicial de 100 milhões, já existiam mais de 2.000 cadastros para os boxes do galpão. Segundo o jornal Diário do Nordeste, em matéria publicada em 4 de agosto 2015, o esperado era a criação de 7,5 mil empregos. Em relação ao projeto, era esperado a construção de 6.500 boxes, 300 lojas, 130 vagas para ônibus, praça de alimentação com 86 lanchonetes e 2 restaurantes, hospedagem com 220 leitos e mais de 30 banheiros com chuveiro. André Pontes e Francisco Philomeno Neto ficaram à frente do projeto.

Apesar da proposta de deslocamento para os feirantes, na Feira da José Avelino, confrontos ocorriam devido à incisiva ação contra os feirantes para evitar irregularidades por parte de órgãos fiscalizadores, como a Guarda Municipal. Apesar dos conflitos, parte dos feirantes da José Avelino optou por comprar boxes no Centro Fashion.

Previsto para ser inaugurado em 2016, devido à atrasos na obra, esta foi postergada para o ano seguinte. Inaugurado em abril de 2017, com área construída de 70 mil m², o Centro Fashion Fortaleza abriu suas portas contando com 4.500 boxes, 90 lojas e 36 megalojas, mas com possibilidade de ampliação para 8.400 boxes e 300 lojas e megalojas. Ao todo, foram investidos R\$ 120 milhões. Além dos boxes e lojas, o empreendimento conta com praça de alimentação, salão de beleza, lotérica, caixas eletrônicos, lojas de aviamentos e de tecidos, espaço para desfiles, entre outros.

Depois de 1 ano funcionando, André Pontes - diretor do empreendimento - em entrevista para o jornal Diário do Nordeste em 5 de janeiro de 2017, apresentou que o Centro Fashion possuía 3.500 pontos ativos (boxes, lojas e megalojas) dos mais variados produtos como moda feminina, masculina, íntimas, fitness, infantil, calçados e acessórios.

Após 2 anos de funcionamento, o jornal Tribuna do Ceará, em 26 de abril de 2019, apresentou que o Centro Fashion teve um aumento de 25% no público, empregando cerca de 14 mil pessoas. Tal crescimento reforça a ideia de que o local vem se desenvolvendo.

Mesmo com o crescimento do empreendimento, a Feira da José Avelino ainda permanece ativa. Atuando rotineiramente, a Agência de Fiscalização de Fortaleza (AGEFIS) busca conter as irregularidades, porém, os feirantes ainda se queixam de ações truculentas diante da remoção da mercadoria. Em 2 de agosto de 2019, o jornal Diário do Nordeste apresentou que, caso o feirante seja pego sem licença prévia, a AGEFIS está autorizada a emitir uma multa de R\$ 83,35, estabelecida pelo Código de Obras e Posturas do Município – Lei nº 5.530/81.

Podemos atrelar a permanência da feira, diante da construção do Centro Fashion, ao fato de que, parte dos permissionários que atuam no empreendimento, também foram ou ainda são feirantes na José Avelino, o que torna os clientes fiéis a ambos locais.

Sem negligenciar a importância do comércio para o destaque do Ceará, e Fortaleza, em particular, como polo do setor têxtil e de confecção, destaca-se também outros estudos locais, já realizados acerca, desta temática, quais sejam: o comércio informal, o uso e ocupação de espaços públicos de forma privada e o papel do Estado, conforme Dantas (2012), bem como mediante o estudo das relações entre o circuito superior e inferior a partir do comércio formal e informal de confecções, com Santos (2014), como também Silva (2013), que faz uma análise das consequências, no espaço central da cidade, do comércio informal, em outro momento Bezerra (2018) desenvolve estudo acerca do mercado metropolitano de confecção nos circuitos da economia urbana de Fortaleza. Tem-se, também, o estudo geográfico das feiras de Caruaru-PE; Apazível, Sobral-CE e Serrinha-Ba, de Gonçalves (2016), acerca da metamorfose das

feiras nordestinas com a inserção da confecção popular. Vale ressaltar, ainda, o estudo acerca da dinâmica socioespacial no espaço Cearense com o desenvolvimento industrial têxtil e o comércio de confecção, bem como seus vínculos ao setor de serviços (MUNIZ, 2014).

Dentre outras coisas, estes e o presente estudo revela, em menor ou maior proporção e de acordo com suas especificidades, a problemática atinente ao comércio informal e os conflitos diante da incapacidade do poder Estatal de fiscalizar e controlar o uso dos espaços públicos de forma contínua, somado ao acelerado crescimento da economia informal.

A forma de abordagem por parte dos executores da função de ordenar o uso dos espaços públicos justificados por políticas de revitalização do espaço central da cidade tem o autoritarismo e arbitrariedade na proporção da gestão em curso, o que se repete na maioria dos casos é a apreensão de mercadorias marcada por conflitos violentos, quando não acompanhadas de abuso de autoridade, extorsão e propinas.

Afora, ainda tem a pressão por parte de lojistas, sendo muitos contra a permanência do comércio informal, alegando pagar impostos ao contrário destes que ocupam espaços em frente suas lojas e ainda promovem uma concorrência desleal, devido aos custos menores dos produtos, pois muitas vezes o vendedor feirante é também o que produz a mercadoria, no caso, por exemplo de facções ligadas ao ramo de confecção.

Para Milton Santos (2001), este comércio faz parte do circuito inferior, como supramencionado, sendo ao mesmo tempo um produto da pobreza, dos modelos de consumo e uma solução que permite aos pobres ter acesso ao consumo.

Este contexto é antes de tudo, parte das transformações estruturais pelas quais passa o mundo do trabalho, com terceirização, redução de trabalhadores formais empregados, desemprego, precarização.

Na década de 1970, Lefebvre advertia que o direito à cidade não pode ser confundido com o de passear pelo Centro, é muito mais abrangente: “O direito à cidade é uma forma superior de direito: direito à liberdade, à individualização na socialização, ao habitat e ao habitar. O direito à obra e o direito à apropriação estão implicados no direito à cidade” (LEFEBVRE, 1991, p. 135). A obra aqui no sentido de atividade participativa e não se deve confundir direito à apropriação com direito de propriedade. A apropriação dos espaços públicos pelo comércio informal em Fortaleza é uma forma de reforçar o direito ao trabalho e de estar na cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar dos conflitos envolvendo feirantes e o poder público, a Feira da José Avelino ainda permanece ativa. Podemos atrelar a permanência da feira diante da construção do Centro Fashion, ao fato que, parte dos permissionários que atuam no empreendimento também foram ou ainda são feirantes na José Avelino, o que torna os clientes fiéis a ambos locais.

Como supramencionado, antes do Centro Fashion se consolidar como ponto do comércio de confecção, a Feira da José Avelino detinha o maior destaque. Apesar dos conflitos entre feirantes e órgãos fiscalizadores, a Feira da José Avelino ainda permanece ativa no centro de Fortaleza, o que demonstra o quão sólido, no espaço urbano e no comércio de confecção, a feira se tornou.

Como o desenvolvimento do capital é contraditório, a atividade informal na Feira da José Avelino influenciou o desenvolvimento de atividades formais com existência de equipamentos urbanos voltados à venda de confecção, como o Shopping popular Centro Fashion, além de revelar a simbiose entre os circuitos da economia urbana.

Desde 2017, o Centro Fashion Fortaleza vem demonstrando um desenvolvimento gradativo no comércio de confecção. O empreendimento tornou-se importante fluxo na geração de emprego e renda. Sempre mantendo relações com as feiras de confecção da capital, pois parte de seus permissionários ainda fazem parte da Feira da José Avelino e tem importante papel na economia cearense.

Diante do exposto, a relação entre Estado e sociedade deve perpassar mediações construídas pelos diversos segmentos sociais de forma que atenda não somente aos interesses de uma classe social com um Estado a serviço do capital, mas que atente para os interesses de forma plural, na busca de políticas urbanas inclusivas.

REFERÊNCIAS

ANUÁRIO DE FORTALEZA. **Conhecendo Fortaleza**. 2012-2013. Disponível em: <<http://www.anuariodefortaleza.com.br/>>. Acesso em: 30 out. 2015.

BAUMAN, Z. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1999.

BEZERRA, E. S. da S. **O mercado metropolitano de confecção nos circuitos da economia urbana de Fortaleza-CE**. 2018. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

CARLOS, A. F. A. **A cidade**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

CLAVAL, P. **Geografia cultural**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.

CORREIA, Roberto Lobato. Territorialidade e corporação: um exemplo. In: SANTOS, Milton, SOUZA, M. Adélia, SILVEIRA, M. Laura. **Território Globalização e Fragmentação**. 5ª ed. São Paulo: Hucitec – Anpur, 1998.

DANTAS, E. W. C. O centro de Fortaleza na Contemporaneidade. In: DANTAS, E. W. C.; SILVA, J. B. da; COSTA, M. C. L. (Orgs.). **De cidade à metrópole: (trans) formações urbanas em Fortaleza**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

_____. (Org.). **A cidade e o comércio ambulante: Estado e disciplinamento da ocupação do espaço público de Fortaleza (1975 – 1995)**. Fortaleza: EDUFC, 2012.

Informalidade cresce 26, 66% em Fortaleza. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 2007. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/negocios/informalidade-cresce-26-66-em-fortaleza-1.405904>>. Acesso em: 2 dez. 2019.

FREITAS, J. A. da S. A Feira da Rua José Avelino e a Cidade de Fortaleza: discussão inicial. In: **VIII Jornada Internacional Políticas Públicas**, São Luís: 2017.

GONÇALVES, L. A. A. **A Metamorfose das feiras nordestinas com a inserção da confecção popular: estudo geográfico das feiras de Caruaru - PE; Apazível, Sobral - CE e Serrinha - BA**. 2016. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016.

HAESBAERT, R. Desterritorialização, Multiterritorialidade e Regionalização. In: LIMONAD, E. *et al.* (Orgs.). **Brasil Século XXI: por uma nova regionalização?** São Paulo: Max Limonad, 2004

JAPPE, A. **Guy Debord**. Portugal. Ed. Antígona, 2008.

KON, A. **Economia de serviços: teoria e evolução no Brasil: inclui uma análise sobre o impacto do setor de serviços no desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

LEFEBVRE, Henri. Industrialização e Urbanização. In: **O Direito à cidade**. São Paulo: Editora Moraes, 1991.

MONTENEGRO, M. R. **A teoria dos circuitos da economia urbana de Milton Santos: de seu surgimento à sua atualização**. Revista Geográfica Venezolana, v. 53, p. 147-164, 2012

MUNIZ, A. M. V. **A dinâmica da indústria têxtil no espaço metropolitano de Fortaleza**. 2014. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Departamento de Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Fortaleza, 2014.

NASCIMENTO, H. R. do. 6 em cada 10 trabalhadores do Ceará estão na informalidade. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 2017. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/negocios/6-em-cada-10trabalhadores-do-ceara-estao-na-informalidade-1.1744137>>. Acesso em: 2 dez. 2019.

POCHMAN, Marcio. Crise, Mercado De Trabalho E Mudanças Na Regulação Pública Do Trabalho No Brasil. **Revista de políticas públicas**, v. 21, n. 2, 2017.. Entrevista realizada por LIMA, Valéria Ferreira Santos de Almada em 20 de novembro de 2017. Disponível em: <<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/8252>>. Acesso em: 14 mai. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA. Perfil Socioeconômico dos Feirantes da José Avelino. Fortaleza, 2016.

SANTOS, K. L. B. dos. *et.al.* Consumo e Moda na Feira Popular José Avelino, em Fortaleza - CE. In: **13º Colóquio de Moda**, Bauru, 2017. Disponível em:

<http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202017/COM_O_RAL/co_5/co_5_Consumo_e_Moda_na_Feira_Popular.pdf>. Acesso em: 13 mai. 2020.

SANTOS, M. **O espaço dividido**. Rio de Janeiro: Livraria Editora Francisco Alves, 1979.

_____. SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, Marlon Cavalcante. **A dinâmica dos circuitos da economia urbana na indústria de confecção em Fortaleza – Ceará**. 2014. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

SILVA, J. B. da. **Quando os incomodados não se retiram: uma análise dos movimentos sociais em Fortaleza**. Fortaleza: Multigraf, 1992.

SILVA, E. S. da. **Dinâmica socioespacial do comércio popular de confecção no centro de Fortaleza**. 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

TREVIZAN, K. Mais de 60% dos trabalhadores estão no mercado informal, diz OIT. **G1**, 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/concursos-eemprego/noticia/2019/02/13/mais-de-60-dos-trabalhadores-estao-no-mercado-informaldiz-oit.ghtml>>. Acesso em: 2 dez. 2019.